UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO-UNEMAT

LILIANE ALVES DA MATA

METODOLOGIA DE ENSINO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

BIB
Campus Universitário
R: Nº 10281
Data 16/07/04
doação

PONTES E LACERDA
2003

Turma 2003/2 Ex.01

LILIANE ALVES DA MATA

METODOLOGIA DE ENSINO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso-Campus Universitário de Pontes e Lacerda, com o requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Teresa de Pazos da Silva.

Pontes e Lacerda
2003

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora.

Local e data de aprovação

Dedico aos meus pais, Valdevino Rodrigues da Mata e Marluci Alves da Mata, que no decorrer da minha graduação, apoiaram-me tanto psicologicamente quanto financeiramente e incentivou-me à sempre estudar.

Agradeço a Deus, pela minha vida e saúde, pois dessa forma pude estudar e concluir a minha sonhada graduação.

Aos meus pais, Valdevino Rodrigues da Mata e Marluci Alves da Mata, pelo incentivo durante o decorrer de meus estudos.

À minha orientadora, Profª Ms. Teresa de Pazos da Silva, pela dedicação, paciência e apoio, com a minha pessoa.

Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

Paulo Freire.

SUMÁRIO

RESUMO.....1
INTRODUÇÃO.....2
CAPÍTULO I- Quadro Teórico: A Educação no Brasil.....3
CAPÍTULO II- Refletindo o Método de Ensino do Professor.....20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....28
ANEXOS.....30

RESUMO

Este trabalho é o resultado de um estudo sobre metodologias de ensino presentes na prática de diferentes professores em Pontes e Lacerda, onde foi possível constatar metodologias de ensino diferenciadas, dando ênfase à metodologia tradicional e à inovadora.

No primeiro capítulo através de breve abordagem histórica fazemos alusão à Revolução Industrial, suas influências e repercussão no Brasil, no século XVIII, onde ocorreu a implantação de indústrias e intensificação do comércio. Daí surge à necessidade de mão-de-obra qualificada ,e, a escola também surge com a intenção de preparar os indivíduos para o mercado de trabalho.

A partir deste contexto caracterizamos a escola entendendo-a como veículo a serviço da classe dominante mas com possibilidade de se tornar um espaço de transformação dependendo para isso, em grande parte, do trabalho que o professor realiza em sala de aula e mais especificamente da metodologia de ensino que desenvolve.

No segundo capítulo, discutimos o trabalho de dois professores observados em duas Escolas da rede Estadual de Educação de Pontes e Lacerda, cujas metodologias de ensino são diferenciadas, sendo um inovador e o outro tradicional.Analisamos também as implicações que estas diferentes práticas trazem para seus alunos.

INTRODUÇÃO

As diferenciadas metodologias de ensino e respectivamente as práticas pedagógicas, sempre foram fatos que instigaram-me a pesquisar, por estes virem a influenciar diretamente a minha trajetória escolar, e este fator que me fez optar por este tema.Desta forma, através do presente trabalho pude analisar práticas pedagógicas de dois professores de duas Escolas da rede Pública de Ensino, denominamos como professor A e professor B. Para a realização do presente trabalho utilizei análise documental e observação direta, sendo que esta, consistiu no acompanhamento das aulas dos respectivos professores durante uma semana, para uma melhor compreensão da prática dos professores e conseqüentemente do método de ensino por eles adotado.

O presente trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo abordamos a educação fazendo um relato histórico da mesma, e uma rápida alusão ao surgimento da escola voltada aos interesses da indústria no século XVIII e dando ênfase a atualidade, destacando os pontos que considero relevantes para a compreensão da prática do professor. No segundo capítulo descrevemos a metodologia de ensino, adotada pelos professores ao longo das aulas observadas e fazemos uma análise das mesmas a partir da teoria estudada.

Nosso propósito através deste trabalho, é conhecer as práticas e metodologias de ensino que são empregadas aos discentes , durante as aulas e quais as implicações que estes métodos podem trazer à formação dos alunos.

CAPÍTULO I –QUADRO TEÓRICO:A EDUCAÇÃO NO BRASIL.

Em meados do século XVIII, com a Revolução Industrial, ocorre a implantação de indústrias,intensifica-se o comércio e surge a necessidade de mão-de-obra qualificada.Neste contexto a escola surge com a intenção de preparar o indivíduo para o trabalho.Segundo Saviani. "Como aparelho ideológico, a escola cumpre duas funções básicas: contribuir para a formação da força de trabalho e para inculcação da ideologia burguesa." (p.26).

Segundo a concepção do autor supracitado, nessas bases, a escola serve como reprodutora das desigualdades sociais, vindo desta forma a moldar o aluno na audiência obrigatória de saberes práticos e condicionando-os em sua vivência. "O Aparelho Ideológico Escolar, em lugar de instrumento de equalização social, constitui um mecanismo construído pela burguesia para garantir e perpetuar seus interesses." (SAVIANI, 2002, p.24).

O professor torna-se por este prisma, um mero repassador de informações sem questioná-las, sem refletir acerca do seu papel enquanto transformador da sociedade. Entendemos que este deve ter clareza de seu papel para evitar um trabalho pautado ou no senso comum ou em informações sem significado para o aluno.O trabalho do professor deve se sustentar teoricamente, para que o aluno possa se formar como pessoa e cidadão.

Dessa forma entendemos que a educação e automaticamente a prática pedagógica do professor deve evitar os efeitos do esponteneísmo, do

intuitivismo e da ausência de intencionalismo, para que não perpetue as desigualdades sociais, deve se pautar em teorias, onde exista a possibilidade de embasamento, refutando dessa maneira, a ausência de cientificidade do senso comum, que tem impregnado nossas instituições escolares desde períodos remotos até os dias atuais.

O conhecimento científico permite uma compreensão mais racional do mundo, e este fato permite ao aluno explicitar a ideologia dominante. Nossas escolas ao desenvolverem seu trabalho, geralmente encontram-se pautadas na trivialidade e não em teorias e na cientificidade. O papel da escola é de trabalhar prioritariamente com o conhecimento científico, pois este é inerente a classe dominante, e a partir do momento que tivermos a capacidade de dominá-lo, nos tornaremos autônomos no que diz respeito as nossas convicções.O conhecimento científico permite a compreensão de nós mesmos enquanto sujeitos e enquanto seres sociais, ou seja, "ao acessarmos o conhecimento científico, o fazemos a partir de nossas concepções, valores e idéias acerca do assunto. Esta dialética dá ao conhecimento uma identidade relacionada a quem conhece."(SILVA,2001,p.26). A partir dessa investidura autônoma , proferida de nossa parte, as instituições escolares tornarão suscetíveis a uma reformulação quanto ao perpassamento de conteúdos e seus respectivos métodos de ensino.Segundo Saviani,seria possível :

> "[...] fazer uma profunda reforma na escola a partir de seu interior, se passássemos a atuar segundo esses pressupostos e mantivéssemos uma preocupação constante com o conteúdo e desenvolvêssemos aquelas fórmulas disciplinares, aqueles procedimentos que garantissem realmente assimilados."(SAVIANI, 2002, p.56).

Contudo, não basta que o professor trabalhe com o conhecimento científico se este não proporcionar ao aluno compreensão de si e do seu contexto.Convém que ele se posicione diante do mundo,formando assim cidadãos, o que não significa em absoluto, assumir atitudes de proselitismo, perniciosas porque visam doutrinar o aluno, abusando de sua receptividade intelectual. Assumir posições significa estar comprometido com o mundo e disposto a participar, lutando contra o trabalho degradante, a submissão política, a alienação da consciência, as exclusões injustas e as diversas formas de preconceito. Porém, embora o professor não possa se nortear pelo senso comum, ou prevalecer em suas opiniões deixando-os prevalecer seus posicionamentos e convicções, estes estão sempre presentes. Conforme Aranha: "Quer queira, quer não, as convicções do professor a respeito da ética e da política aparecem na forma como os conflitos surgidos em classe são trabalhados por meio daquilo que ele diz, assim como por meio daquilo que silencia." (ARANHA, 1996, p. 153). Assim, o professor ao trabalhar, o faz também, a partir de suas concepções e ao fazê-lo pode trabalhar pela reprodução ou pela emancipação.

A prática pedagógica estará voltada para um ou outro destes aspectos dependendo, em boa parte, da formação do professor e este só trabalhará em favor de uma educação emacipatória se ele for capaz de sobressair-se em determinadas situações, utilizando para isto o seu senso crítico e sua autonomia, "e para que este exerça com maior força sua autonomia, necessita ter profundo conhecimento de sua profissão, saber com clareza que objetivos pretende alcançar e quais são os meios para conseguir." (SILVA,2001,p.46). Ainda, com relação à formação do professor, este é um profissional, e, como tal, além de

uma boa preparação, este deve buscar garantir condições mínimas para um trabalho decente: condições materiais adequadas, reuniões pedagógicas, capacitação para atualização permanente, plano de carreira, além de salários mais dignos.Segundo Aranha.(1996) "Essas modificações não dependem dos indivíduos isolados, só, serão possíveis caso os professores tomem consciência política da sua situação e estejam dispostos a se mobilizar sempre que necessário. Para tanto, é preciso que eles estejam engajados em associações representativas de classe que defendam seus interesses ." (p. 153).

Quanto à qualificação do aluno, essa está ligada ao perfil do professor, às condições de trabalho, e à formação do mesmo, e essa somente se efetivará, no momento em que o Estado der o primeiro passo, valorizando, mediante salários adequados, o trabalho docente.A valorização da educação na sociedade será difundida pelo próprio professor na escola, e, pelo "produto" que dela sai: a criança efetivamente alfabetizada informada , politizada, conscientizada do seu valor e de sua responsabilidade no mundo moderno, capaz de trabalhar e construir uma sociedade mais justa, porém, isso apenas não basta. Boas bibliotecas, laboratórios, computadores, livros didáticos, material escolar, e mesmo a merenda escolar só farão sentido e servirão como elemento de transmissão de cultura, de formação de personalidade, de valor educacional, se forem competentemente usados e introduzidos pelo professor em sala de aula, e isto só será possível se o professor tiver uma boa formação. Conforme Aranha (1996) é "o valor do professor e de sua qualificação, que constitui a única chance de melhorar também o nível de qualificação do aluno, [...] ." (p. 154-155).

> "curiosidade epistemológica" , sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto". (FREIRE,1996, p.27).

Quanto aos educadores estes devem procurar despertar nos discentes a insubmissão, o seu criticismo e conseqüentemente o seu posicionamento, através do método de ensino adotado, e ir além do que está condicionado, para que os mesmos possam "voar" com suas próprias asas e alargar os seus horizontes pois ensinar exige criticidade. O criticismo ,dentre outros fatores, deve ser peça chave para que ocorra um processo de aprendizado a um nível incomparável e extremamente eficaz, mas para que tal fato se concretize, é necessário que haja por parte do educador e do educando a inerência e a pré-disposição para a inquietude e a curiosidade.Como afirma Freire (1996) é necessário a "[...] produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes." (p.29).

Dentre as funções, que o educador possui, este deve atentar-se não apenas em transmitir conteúdos de maneira mecanicamente memorizadora e seqüencial.O educador deve instigar os seus alunos a não se tornarem repetidores cadenciados de frases e de idéias inertes, mas sim desafiadores, que façam uma correlação entre o que leram e estudaram e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro, com sua realidade. E "passem ao aluno concepções de conhecimento que vão estar necessariamente ligadas às concepções de mundo, de homem e de sociedade quer do professor, quer dos demais sujeitos envolvidos no processo." (SILVA, 2001,p.29). E, que conseqüentemente, tal fato desemboque em condições necessárias a pensar certo, que demande profundidade e não superficialidade na compreensão e na

interpretação dos fatos, mas sempre respeitando o senso comum e a capacidade criadora do educando.

Segundo Freire (1996), o educador enquanto ensina, deve buscar, reprocurar, indagar-se e conseqüentemente constatar o conhecimento que pré-existe, e analisá-lo quanto a verificação da novidade que se vê necessária para o aprimoramento constante da cultura e do conhecimento, e pesquisa nada mais é que conhecer o que ainda não se conhece e comunicar ou anunciar a novidade,ou seja, o educador deve se assumir como educador e como pesquisador. "Percebe-se, assim a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo". (FREIRE,1996, p.29).

O desafio deve ser uma prática constante do educador para com seus alunos, e este, deve estar embutido no conteúdo oferecido aos discentes . O professor deve propor exercícios que façam os alunos pararem e refletirem,caracterizando-se desta forma como um docente "aventureiro",ou seja, predisposto, à mudança, à aceitação do diferente, desta maneira, os discentes, farão analogia com o mundo que os rodeia e as suas vivências, e conseqüentemente possuirão uma visão crítica sobre aquilo que faz parte de seu cotidiano.O educador ao desafiar seus alunos, deve manter sempre a questão da dialogicidade , pois o diálogo induz a reflexão.

> "A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado".(FREIRE,1996, p.42).

O educador deve se manter sempre versátil, pesquisar em livros diversos, jornais, e até mesmo na Internet, pois só assim, reestruturando dia após dia sua prática pedagógica é que o mesmo não cairá na ingenuidade e no simplismo do método de ensino, pois, conforme nos diz Freire, todo método ou prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensinando aprende, outro que aprendendo ensina, daí o seu cunho *gnosiológico* e a existência de objetos e conteúdos a serem ensinados e aprendidos.

A versatilidade, anteriormente mencionada, geralmente influencia no comportamento do docente, pois o mesmo ao adentrar em uma sala de aula, deve se portar como um ser aberto a indagações , à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tem, que é a de ensinar e não a de transferir conhecimento, afastando-se nesse sentido, do professor autoritário, que vem a afogar a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. Tal fato, constitui-se em desrespeito à dignidade do educando, vindo o docente muitas vezes a subestimar e pior ainda, a zombar do saber que o aluno traz consigo para a escola, desconsiderando o processo de construção do conhecimento.

O ato de ensinar, mencionado no parágrafo anterior consiste em perpassar conhecimentos, e estes devem sempre caminhar junto com o "bom senso", caracterizando-se dessa forma pelo respeito pela dignidade e identidade do educando e sua autonomia. A vigilância do bom senso tem grande importância no processo de auto-avaliação, e o educador deve fazer disto uma prática constante. Para conseguirmos nortear nosso trabalho pelo bom senso, é

necessário pormos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir; pois, tanto mais eficazmente curiosos nós podemos-nos tornar, mais crítico se pode fazer o nosso bom senso.Tal fato é mencionado pelo autor seqüencialmente.

> "Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leve inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre." (FREIRE,1996,p.69).

Quanto à atividade docente, e conseqüentemente ao ato de ensinar, os professores, independente de em qual método de ensino, vejam-se envolvidos , não devem jamais dispor de suas convicções. Estes têm , por outro lado, que assumir suas limitações, estar sempre acompanhados do esforço por superá-las ,e não escondê-las em nome mesmo do respeito que se tem aos educandos, pois é respeitando o seu semelhante (educando) , que se obterão resultados compensatórios, no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem; esquivando-se sempre da neutralidade, assumindo seu papel político.(FREIRE,1996). "Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra." (p.78).

Alguns educadores, com relação a sua atividade docente, tornam-se veiculadores da ideologia dominante, perpassando, desta forma, conhecimentos pré-moldados aos seus alunos e impregnados dessa ideologia massacrante. Estes se vêem a mercê dessa ideologia, tornando-se seres inautênticos e conseqüentemente inculcados pela súcia dos dominantes, que atribuem aos dominados (alunos) a responsabilidade de sua situação e pelo seu insucesso, acarretando em uma situação desumanizante. (FREIRE,1996). "É importante ter

sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a inculcação nos dominados da responsabilidade por sua situação." (p.92).

Alguns professores, em seus respectivos métodos de ensino, utilizam-se do "desmascaramento" para mascarar o que ele realmente tem como diretriz em relação a suas convicções, e isso se deve talvez, ao receio de serem pré-julgados como incapazes, pois existem educadores que incorporam a ideologia que a escola ou a sociedade pregam. E o professor neste caso, deve ficar advertido quanto a esta neutralidade que é imposta e que não venha a influenciá-lo globalmente no que diz respeito ao perpassamento do ensino e seu respectivo método, pois tal fato, acarretará em práticas apolíticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser neutra. E do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades. Contrariamente Freire diz que. (1996). "Se a minha opção é democrática, progressista, não posso ter uma prática reacionária, autoritária, elitista. (p.109).

Ainda segundo Freire (1996) ,os educadores que se vêem submergidos ao autoritarismo, em sua prática pedagógica, devem se avaliar e tomar posições que não venham a denegrir os educandos no sentido do respeito à integridade, intelegibilidade, a curiosidade e o criticismo dos mesmos. Ao invés de adotar um comportamento obsoleto, o educador deve vestir a "roupa" de educador democrático, aquele que aprende a falar escutando, e é cortado pelo silêncio intermitente de quem falando cala ,para escutar a quem silencioso e não silenciado fala, ou seja é aquele que não se apossa totalmente do tempo para explanar conceitos e idéias. O educador precisa se aprimorar do conteúdo que é

atribuído ao discente, para que ocorra a verdadeira relação de comunicação entre professor e aluno, e que este se estabeleça, pois o educador ao escutar o seu próximo aprende a falar com ele, e é neste sentido que se impõe ao professor que o mesmo escute o educando em suas dúvidas, em seus receios e em sua incompetência provisória, o qual os mesmos (educandos) subjugam-se, por se acharem desprezivelmente inferiores.Os educadores que se prestam ao verdadeiro e sublime "ato de escutar" o seu aluno, fará com que este de maneira nenhuma sintam-se inferiores, pois, a verdadeira escuta não diminuirá em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de se opor, de se posicionar, pelo contrário, é escutando bem que o mesmo se prepara para melhor se colocar ou melhor se situar do ponto de vista das idéias. Conforme nos diz FREIRE (1996). "É intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela." (p.132).

Em alguns casos, o método de ensino adotado pelo docente é comparável ao meio televisivo ,uma vez que o professor age exatamente como a televisão, repassando a informações sem abrir espaço ao diálogo, sendo portanto, autoritária e imobilizante, ou seja, dita normas e convicções, além de possuir a característica de ser um veículo transmissor e inculcador da ideologia dominante, e ao pensar em televisão, na mesma vertente que rege educadores progressistas, tenho em mente a questão da consciência crítica, pois, pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação, processo este impossível de ser neutro.Em contrapartida surge aí o ocultamento de verdades por parte da mídia e a própria ideologização no processo comunicativo.Desta forma, torna-se, imprescindível o discernimento em relação

ao meio televisivo, ou seja, não podemos nos pôr diante de um aparelho televisivo, "entregues" ou "disponíveis" ao que vier, a postura crítica deve despertar-se nos momentos necessários, como é mencionado pelo autor supracitado. (FREIRE,1996). "Como educadores e educadoras progressistas não apenas não podemos desconhecer a televisão mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la." (p.157).

Outro aspecto que precisa ser considerado no trabalho do professor está relacionado às questões sociais. Geralmente o meio social interfere de maneira sutil ou impetuosa na afetividade que o educador direciona ao aluno. É comum o professor demonstrar maior afetividade pelos alunos de classe social mais ou menos favorecida. O professor deve cuidar para que sua afetividade não interfira no cumprimento ético do seu dever de professor no exercício de sua autoridade, não podendo condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele. É falso também conforme nos diz Freire, tomar como inconciliáveis a seriedade docente e a alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade, pois ensinar e aprender, não, podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria que venha a desembocar em uma força misteriosa, chamada vocação.

> "Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar."(FREIRE,1996, p.159-160).

Quanto à maneira pela qual o discente encontra-se engajado em uma sala de aula, podemos afirmar que ele não é um ser passível e disponível ao direcionamento de ideologias que são a ele ofertadas.O discente, geralmente possui discernimento, para distinguir o que é aproveitável e significativo para

ele no que diz respeito ao perpassamento de conteúdos, que encontram-se permeados por ideologias.Ele relaciona tais conteúdos com outros saberes ou com a realidade que lhe é familiar,vivenciando a aula e não tornando tais conhecimentos obsoletos.

> "Cada um vivencia a aula em função de seu humor e de sua disponibilidade, do que ouve e compreende, conforme seus recursos intelectuais, sua capacidade de concentração, o que interessa, faz sentido para ele, relaciona-se com outros saberes ou com realidades que lhe são familiares ou que consegue imaginar." (PERRENOUD,2000, p.24).

A ideologia dominante, anteriormente mencionada, querendo ou não, está presente em nosso cotidiano, e torna-se quase impossível não fazer parte efetiva da mesma. Ela se manifesta na fala do professor, do pai, da mãe e também do aluno, que encontram-se em processo inicial de formação educacional.A ideologia dominante possui um caráter dizimista, pois as pessoas, se vêem a mercê do que ela prega e dita como normas, tanto socialmente, quanto psicologicamente e intelectualmente.Isto torna, as pessoas inautênticas e alienadas, pois o seu senso crítico se vê despojado e disperso, no que diz respeito a posicionamentos que a vida sempre requer de nós. Quanto ao sistema educacional, este se caracteriza, por ser a parte mais ínfima e desprestigiada na ótica dominante, devido à supremacia da classe dominante que dita as regras.Como salienta o autor supracitado."O sistema educativo construiu-se de cima para baixo."(p.24).

Quanto ao perpassamento de conteúdo, geralmente influenciado pela ideologia dominante, este geralmente é trabalhado, em determinados métodos de ensino,de maneira solta e aleatória, sem relacioná-los com a realidade, com objetivos precisos, tornando-se dessa forma descontextualizados, contribuindo

dessa forma para inculcação dos discentes. Desta forma, as situações de aprendizagem e respectivamente o método de ensino empregado, não condizem com as expectativas do aluno, tornando-se dessa forma, na visão do discente que possui discernimento, como ineficazes e de caráter meramente formal, devido à ausência de competência pedagógiga e à falta de autonomia, por parte dos professores. Para Perrenoud (2000) "a verdadeira competência pedagógica [...], consiste, de um lado,em relacionar os conteúdos a *objetivos*, e de outro, a *situações de aprendizagem.* (p.26, grifos do autor.)

O docente ao adentrar em uma sala de aula, deve se tornar eminente às questões ideológicas, estando assim preparado e principalmente sentindo-se preparado para ministrar a aula. Isto traz para o professor a necessidade constante de atualização e qualificação. O docente tem que se mostrar conhecedor do assunto, denotando segurança ao expressar-se no que diz respeito ao perpassamento de conteúdo.O docente não deve restringir-se apenas ao conteúdo do livro didático, o mesmo deve procurar outras fontes de pesquisa, ampliando dessa forma o seu léxico, e estando sempre à frente do aluno no que diz respeito a conhecimentos, para que o mesmo nunca se sinta constrangido em relação ao aluno, por não ter conhecimento de determinado assunto, e estando assim em condições de relacionar os assuntos estudados com o contexto em que o aluno encontra-se inserido, como suscita o autor supracitado.

> "Para organizar e dirigir tais situações de aprendizagem, é indispensável que o professor domine os saberes, que esteja mais de uma lição à frente dos alunos e que seja capaz de encontrar o essencial sob múltiplas aparências, em contextos variados." (PERRENOUD,2000, p.27).

Tanto o educador quanto o educando, no meio em que encontram-se inseridos, ou seja, a sala de aula propriamente dita, devem ter em mente, que o

domínio de conteúdo com fluência denota "competência", e esta está sendo requerida atualmente com um maior vigor e exigência, tanto no nível educacional como profissional, e para que se obtenha tal resultado é necessário que os educandos mostrem-se interessados, facilitando dessa forma a transferência dos saberes ofertados pelos educadores, não passando necessariamente por uma exposição metódica e rudimentar, como salienta o autor.

> "A competência requerida hoje em dia é o domínio dos conteúdos com suficiente fluência e distância para *construí-los* em situações abertas e tarefas complexas, aproveitando ocasiões, partindo dos interesses dos alunos, explorando os acontecimentos, em suma, favorecendo a apropriação ativa e a transferência dos saberes, sem passar necessariamente por sua exposição metódica, na ordem prescrita por um sumário." (PERRENOUD,2000, p.27 grifos do autor).

O educando ao adentrar em uma instituição escolar, já possui conhecimentos inerentes a ele, ou seja, sua "bagagem intelectual", conhecimentos que são provinientes de experiências vividas juntamente com seus familiares, os quais denominam-se como conhecimentos empíricos. Porém geralmente, os educandos quando se encontram perante a uma instituição escolar, muitas vezes são podados no que diz respeito aos conhecimentos que são imanentes a eles, constatando-se desta forma em uma ínterim entre o educando e a instituição. Segundo o autor:

> "A escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz é uma tábua rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário,"muitas coisas", questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem provisoriamente. Por causa disso, muitas vezes, o ensino choca-se de frente com as *concepções dos aprendizes*..(PERRENOUD,2000, p.28 grifos do autor).

Os educadores, de determinadas instituições escolares, que encontram-se envoltos na pedagogia tradicional, e possuem um perfil autoritário e despojado,

atribuindo aos seus alunos um papel secundário e menosprezante, desvalorizando o seu pré-conhecimento e impondo-lhe de maneira infortuita a sua concepção, acaba por "assassinar" o senso crítico do aluno, expondo o mesmo a conhecimentos e concepções imanentes do educador, sem ofertar a esse conhecimento nenhuma criticidade.Segundo Perrenoud.

> "Uma boa pedagogia tradicional usa, às vezes, esses fragmentos de conhecimento como pontos de apoio, mas o professor transmite, pelo menos implicitamente, a seguinte mensagem : "Esqueçam o que vocês sabem, desconfiem do senso comum e do que lhes contaram e escutem-me, pois vou dizer-lhes como as coisas acontecem realmente." (PERRENOUD, 2000,p.28).

O sistema educacional e conseqüentemente a instituição, em que os educadores encontram-se inseridos, juntamente com a ideologia na qual encontram-se submergidos, evidentemente vêm a influenciá-los; mas ,acredito que não seja totalmente, pois os mesmos possuem senso crítico e discernimento no que diz respeito a escolha de qual formação deverão escolher e praticá-la, vindo desta forma a decidirem e traçarem de maneira autônoma seus objetivos e seus planejamentos.Como menciona o autor.

> "[...] a nova aposta do desenvolvimento profissional assenta-se no princípio de que os professores continuam sendo os *principais* atores e responsáveis por sua formação contínua, pois decidem de maneira autônoma seus objetivos e seus planejamentos."(PERRENOUD,2000,p.98 grifos do autor).

Ainda conforme o autor supracitado,quanto aos alunos, estes precisam ser estimulados a estudar a matéria em função de seus interesses, de seus projetos, contribuindo dessa forma para a própria formação, como cidadão; e não se limitar a estudar determinadas matérias que desembocarão em especialidades, pois a finalidade principal da educação inclui a construção da cidadania, entendida como a construção de uma articulação permanente, que

consiste em projetos pessoais e projetos coletivos. Convém reiterar que a função precípua da escola básica é a construção da pessoalidade, que inclui a cidadania, e não a formação de especialistas em qualquer das disciplinas.

CAPÍTULO II- REFLETINDO O MÉTODO DE ENSINO DO PROFESSOR.

A educação atual, encontra-se pautada em teorias e na cientificidade, e está voltada para a conscientização e para a ação transformadora.Apesar do discurso teórico contrário, na prática está influenciada direta e indiretamente pela classe dominante, com a intenção de vir a inculcar sua ideologia e persuadir os dominados (discentes). A presente análise propõe-se a mostrar que tanto a prática tradicional como a inovadora, estão presentes nos professores observados em duas escolas da rede Estadual de Pontes e Lacerda, e por conseguinte tentaremos mostrar a influência que cada uma exerce sobre os alunos.

Para a coleta de dados objetivando a realização desse trabalho, observei professores de duas escolas da rede pública que nomearei respectivamente por professor A e professor B. Essa nomeação tem como finalidade preservar a identidade e assegurar o respeito pelos profissionais.Quanto à formação pedagógica e intelectual dos docentes, o docente A não é graduado e não possui experiência no ato de dar aulas, já o docente B é graduado e pós-graduado, com vasta experiência no meio educacional.

As turmas observadas foram uma 8ª série e uma 6ª série do Ensino Fundamental do período vespertino e matutino de duas Escolas Estaduais de 1º e 2º Graus da região central e periférica de Pontes e Lacerda, no prazo que corresponde a uma semana .Quanto aos tipos de métodos de coleta de dados, utilizados nesta análise,destacam-se a observação direta e análise documental, sendo que a primeira segundo Lüdke (1986), "implica a existência de um

planejamento cuidadoso do trabalho, e uma preparação rigorosa do observador."(25). É necessário ter cuidados com o ambiente de modo a não causar interferências prejudiciais e ferir a ética. A análise documental segundo a autora supracitada, "constitue em uma fonte estável e rica. Persistindo ao longo do tempo, os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos."(p.39).Quanto à análise documental, foram utilizadas os textos, o "Auto da Barca do Inferno", e, o estudo sobre gramática, mais especificadamente as Vozes do verbo.

O professor A ao iniciar sua aula, começa passando matéria no quadro, e em seguida, reprime os alunos, chamando a atenção dos mesmos, de maneira hostil, posteriormente o professor ameaça os alunos de vir a apagar o quadro, independente de quem copiou ou não.

O referido professor, passa o conteúdo no quadro e segue à risca aquilo que está no livro didático, não atribuindo aos alunos exercícios que envolvam a criatividade, e sim ao perpassamento de exercícios mecânicos,como por exemplo, classifique as frases de acordo com a vozes do verbo, caracterizando dessa forma como um repassador de informações desnecessárias e aleatórias.

Posteriormente ,o docente mencionado faz correções dos exercícios de maneira arcaica e rudimentar, como era feita em tempos remotos, onde o docente pergunta e os alunos respondem, não despertando motivação nos alunos e matando a curiosidade dos mesmos. Sobre este assunto Delors (1998) afirma:"Os professores que, por dogmatismo matam a curiosidade ou o espírito

crítico dos alunos, em vez de os desenvolver, podem ser mais prejudiciais do que úteis.(p.98).

Este professor tem o hábito negativo de chamar a atenção dos alunos de maneira ríspida e autoritária expondo os mesmos ao ridículo na frente dos demais, por estarem eventualmente conversando e tirando dúvidas com os colegas, sobre o conteúdo ministrado na aula.

Após, passar o conteúdo sobre gramática no quadro, o docente explica o mesmo de forma insípida e desmotivante, e novamente são ofertados aos alunos exercícios mecânicos que servem para alienar os mesmos , tornando estes exercícios de certa forma irrelevantes e desinteressantes para os mesmos. Para que esse ambiente, de desinteresse e desmotivação,não se perpetue, é necessário que o professor se policie e tome atitudes mais criativas, como suscita Tapia(1999):" Nossa profissão requer de nós uma atitude mais criativa, uma confiança maior em nós mesmos, em nossas capacidades. É importante questionar determinadas rotinas consolidadas em nossas escolas ao longo de anos que à simples vista parecem muito difíceis de mudar.(p.127).

Quanto às condições de trabalho para o aluno,este se restringe apenas ao caderno e à caneta; quanto ao professor,como pode-se constatar, este se limita apenas ao livro didático, não buscando outras fontes de pesquisa e até mesmo não se atualizando quanto às informações que são atribuídas aos alunos.Com relação à atualização Delors (1998), faz a seguinte menção: "É , antes necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros

conhecimentos e de se adaptar a um mundo em mudança." (p.89).Esta é uma condição imprescindível ao professor atual.

Como podemos observar o docente A, acomodou-se a uma prática tradicional desvinculada de qualquer possibilidade de mudança ou seja, está pautada em uma prática tradicional e conservadora, não relacionando a prática com a realidade dos alunos, apesar do referido docente estar se licenciando em Letras, o mesmo afirma que prefere, o método de ensino tradicional e o põe, de fato, em prática.

O professor B ao iniciar a aula, pede que os alunos adentrem a sala de maneira respeitosa e amigável .O professor começa seu trabalho distribuindo textos literários sobre o "Auto da Barca do Inferno". Posteriormente leva os alunos a uma sala reservada para assistirem a uma fita de vídeo. Conseqüentemente o docente faz explanações sobre o filme, e logo após o mesmo propõe, questões para os alunos, afirmando que tais exercícios servirão para reflexão. Porém, antes de iniciar a leitura do texto o "Auto da Barca do Inferno", o docente primeiramente contextualiza os alunos, referente à leitura do texto, citando exemplos concernentes à realidade dos mesmos e fatos atuais como convicções, dogmas que regem as pessoas.Quanto à contextualização Moreira (2002) afirma :

> "[...] a tarefa do professor não é tanto transmitir informações, mas criar um contexto em que pessoas, crianças e adultos possam interagir a partir e em função de atividades que tenham sentido para elas.[...]. A tarefa do educador[...] é pensar o contexto relacional que vai sendo construído pelas pessoas em relação e interferir, como um dos sujeitos dentro do processo, para ativar as formas de relação." (p.28).

Desta forma o objetivo do trabalho do docente é de instigar a curiosidade intelectual dos alunos, relacionando a matéria em estudo com a vivência dos mesmos, praticando a leitura e logo após a escrita.Tal fato constata-se em Delors (1998) : " O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir".(p.91)

Quanto às condições de trabalho enfatizadas por Aranha, estas são ideais tanto para os alunos quanto para o professor, pois este, são munido de livro didático, apostilados, aparelho televisivo e computadores. Com relação ao sistema televisivo Delors (1998) afirma que: " É importante que os professores formem desde já, os alunos para uma leitura crítica que os leve, por si mesmos, a usar a televisão como um instrumento de aprendizagem, fazendo a triagem e hierarquizando as múltiplas informações transmitidas." (p.116).

O docente B mantém um diálogo aberto com seus alunos, atende os mesmos individualmente, e quando a pergunta é interessante expõe para os demais.Durante o período em que acompanhamos os trabalhos, o professor liberou os alunos para encenarem o texto o "Auto da Barca do Inferno", em uma barca de madeira no pátio da Escola, tornando a aula interativa, mostrando-se desta forma, inovador e criativo.Quanto às críticas sociais, morais, políticas e religiosas, estes são fatos que se evidenciam e são salientados pelo docente no texto literário; como por exemplo, a concepção religiosa de existir o céu e o inferno, temas estes mencionados no texto.

Porém, um bom método de ensino e bons conteúdos não são suficientes para garantir a aprendizagem dos alunos, pois as dificuldades dos discentes existem e perduram a existir, quando, os docentes, não atentam às questões, que consideram, relativamente, de caráter de pormenor. Estas possuem uma grandiosidade imensa aos alunos, vindo desta maneira a causar bloqueios nos mesmos, por serem muitas vezes negligenciados pelo docente, como por exemplo questões que dizem respeito ao léxico e acentuações de palavras, como podem-se presenciar durante o acompanhamento das aulas dos respectivos professores.

Após o término das observações dos métodos educacionais empregados pelos professores, chegamos ao consenso de que é importante que o docente tenha uma formação em constante evolução e em movimento, para que dessa forma possa melhor desempenhar a sua prática educacional. O docente B tem claro dentre as suas convicções, que a educação é o lugar onde a pessoa se desenvolve como pessoa, aprimorando-se dia após dia, através de leituras, pesquisas etc. No entanto, o docente A, como podemos constatar não se aperfeiçoa e não tem uma formação em evolução, apesar de estar cursando faculdade, não se atualizando e deixando respectivamente a sua prática educacional a desejar. Porém, é importante que o aluno se prepare para ser um cidadão crítico, mas é importante também que lhe seja garantido com sucesso o acesso à norma padrão que é o objeto de trabalho dos dois professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pude observar, os professores analisados exercem práticas pedagógicas diferenciadas. O professor A é mais tradicional, sua aula é repreensiva e utiliza-se de exercícios mecânicos para perpassar conhecimentos não existindo motivação em sua aula. Já na aula do professor B, ocorre a interatividade, além de citar exemplos concernentes à realidade dos alunos, respeitando sempre o conhecimento pré-existente dos mesmos.

A partir da análise da prática pedagógica dos professores, da rede pública de ensino, anteriormente, citados, conclui-se que embora este seja um fator importante, ser professor inovador não é sinônimo de êxito em sua prática e isto nem sempre garante uma aprendizagem com sucesso; pois como podemos perceber os alunos do professor B tem dificuldades para aprender em alguns aspectos, como os alunos do professor A (tradicional), porém, o professor B trabalha bem o aspecto político.

Já, a prática pedagógica do professor A (tradicional), embora em alguns segmentos da sociedade tenha boa receptividade, também este método, não é sinônimo de aprendizagem, e com ,o agravante de não trabalhar nenhuma das dimensões, caracterizando-se desta maneira em um paradoxo.O método por si só não assegura a aprendizagem dos alunos requerendo esta questão, estudos mais aprofundados.

Compreendemos que não existe um método que alcance um patamar elevado e o outro de rebaixamento, os métodos, independente de sua origem,

possuem pontos positivos e negativos, e não devemos deixar de lado o método tradicional e nem incorporar totalmente o método inovador, deve-se agir de acordo com a necessidade, praticando tanto o método inovador como o tradicional, dependendo do contexto e sempre buscando se atualizar e aperfeiçoar-se quanto às informações que são ofertadas aos discentes, só assim conseguiremos alcançar índices positivos em nossa educação. Mais que isto, o professor deve se preocupar com as várias dimensões das aprendizagens necessárias à formação do cidadão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA,Maria Lúcia de Arruda.**Filosofia da educação/ Maria Lúcia de Arruda Aranha**. 2.ed. rev.e ampl. São Paulo: Moderna,1996.

DELORS, J. e outros.**Os quatro pilares da educação (cap.4);** A educação ao longo de toda vida (cap.5). In Educação: um tesouro a descobrir (Relatório para a UNESCO da comissão internacional e educação para o século XXI). São Paulo: Cortez. Ed. p.89-117,1998.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa.**Currículo,Diferença cultural e diálogo.**Educação e Sociedade.Revista quadrimestral de Ciência da Educação.Campinas, nº 79, p. 15-38,2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 23 ed, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

Lüdke,Menga.**Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/Menga Lüdke, Marli E. D. André**.- São Paulo: EPU, 1986.(Temas básico de educação e ensino).

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar/ Philippe Perrenoud;** trad. Patrícia Chittoni Ramos.-Porto Alegre : Artes Médicas Sul,2000.

_____Philippe. **Construir as competências desde a escola/ Philippe Perrenoud** ; trad. BRUNO Charles Magne.- Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____Philippe. **As competências para ensinar no século XXI:** a formação dos professore e o desafio da avaliação/Philippe Perrenoud, Mônica Gather Thurler, Lino de Macedo, Nilson José Machado e

Cristina Dias Alessandrini; trad. Cláudia Schilling e Fátima Murada. – Porto Alegre: Artmed Editora,2002.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara/Dermeval Saviani**-35.ed. revista- Campinas, SP: Autores Associados,2002 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; vol.5).

SILVA, Teresa Pazos da. **A Transposição Didática e o Ensino de Ciências.** __ f.25-33;34-67. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Educação. Unesp, Araraquara.

TAPIA, Jesús Alonso. FITA, Enrique Caturla**. A Motivação em sala de aula, o que é, como se faz**. 2º ed. Edição Loyola, São Paulo.1999.

ANEXOS



Gramática

I. Morfologia

Vozes do verbo

São três as vozes do verbo: **ativa**, **passiva** e **reflexiva**.

Voz ativa

O verbo de uma oração está na **voz ativa** quando o sujeito **pratica** a ação, ou seja, ele é o **agente** da ação verbal.

Veja o exemplo:

Luísa rejeitou o namorado.

↑

sujeito agente

Voz passiva

O verbo de uma oração está na **voz passiva** quando o sujeito **recebe** a ação, em vez de praticá-la. Neste caso, ele tem o nome de **sujeito paciente**. Quem pratica a ação é o **agente da passiva**.

Observe o exemplo:

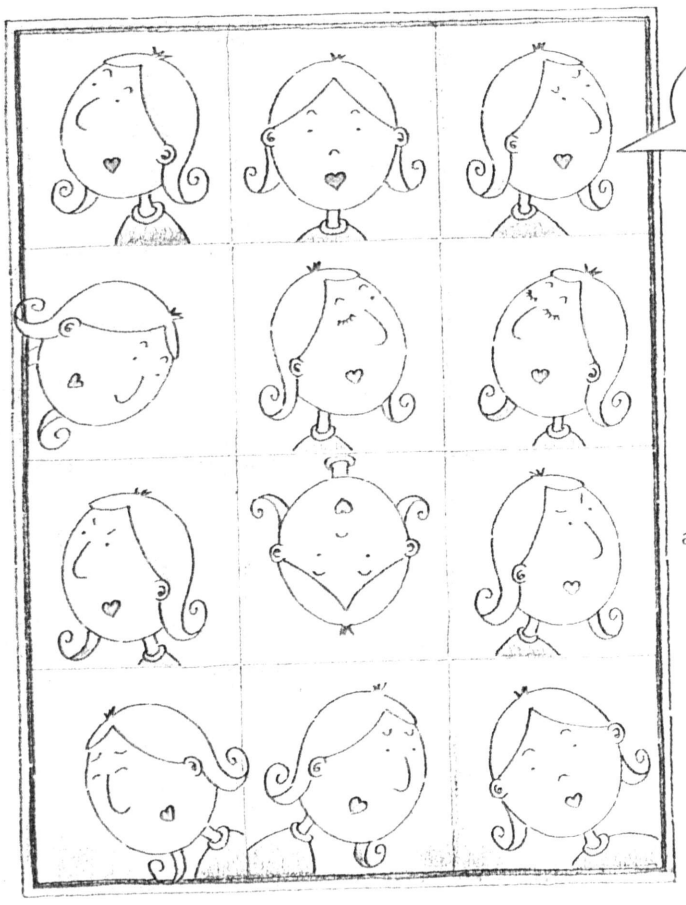
O namorado foi rejeitado por Luísa.

sujeito paciente — agente da passiva

Esquema da voz passiva:
sujeito paciente + verbo **ser** + particípio + agente da passiva

Voz reflexiva

Quando o verbo está na voz **reflexiva**, o sujeito **pratica** e, ao mesmo tempo, **recebe** a ação. Veja:



Ela sempre **se multiplica** no espelho.

sujeito
agente e paciente

ela multiplica
a si mesma

Na voz reflexiva, o sujeito sempre vem acompanhado do pronome oblíquo correspondente: eu **me** multiplico, tu **te** multiplicas, ele **se** multiplica, etc.

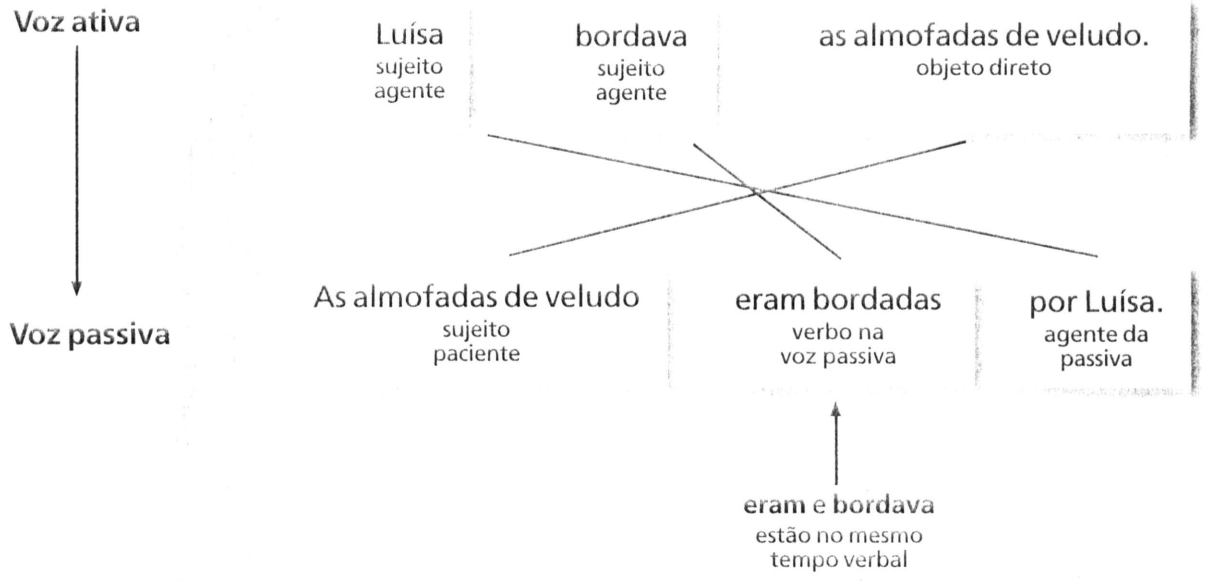
A voz reflexiva também pode dar a idéia de **reciprocidade**, de ação **correspondida**: nós **nos** amamos, eles **se** odeiam, todos **se** abraçaram, etc.

EXERCÍCIO

Informe se os verbos estão na voz ativa, passiva ou reflexiva. Utilize o caderno:
a. Eufrásia nunca chorou.
b. Ela se observava horas e horas no espelho.
c. Tibúrcio foi visto por Eufrásia.
d. Nós nos conhecemos há muito tempo.
e. Luísa era ignorada pela sogra.

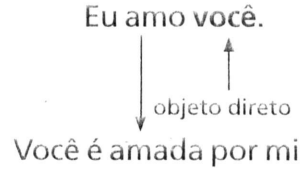
Como transformar a voz ativa em voz passiva

Para passar uma oração da voz ativa para a passiva, procedemos da seguinte forma:



Pelo esquema acima, é possível perceber que:
1. o objeto da voz ativa passa a ser o sujeito da passiva;
2. o sujeito da voz ativa passa a ser o agente da passiva;
3. o verbo da voz ativa (**bordava**) transforma-se em particípio na voz passiva (**bordadas**);
4. o verbo auxiliar (**eram**) aparece na voz passiva no mesmo tempo do verbo da voz ativa (**bordava**).

ATENÇÃO! Só é possível passar para a voz passiva verbos que, na ativa, têm **objeto direto**. Veja:



Exercícios

1. Reescreva as orações no caderno, passando-as para a voz passiva:
   a. Tibúrcio magoou Luísa. Luísa foi magoada por Tibúrcio.
   b. Escrevi o bilhete. O bilhete foi escrito por mim.
   c. Decoramos a igreja. A igreja foi decorada por nós.
   d. Eufrásia guardou a urna de ossos. A urna de ossos foi guardada por Eufrásia.
   e. Os alunos encenaram *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri.
      Eles não usam black-tie, de Gianfrancesco Guarnieri, foi encenada pelos alunos.
2. Faça igual ao modelo. Utilize seu caderno:

Eufrásia encomendou **rosas vermelhas**.
sujeito agente — objeto direto

Rosas vermelhas foram encomendadas **por Eufrásia**.
sujeito paciente — agente da passiva

   a. Luísa leu *Sonhos de uma noite de verão*, de William Shakespeare.
      Sonhos de uma noite de verão, de William Shakespeare, foi lido por Luísa.
   b. Meu primo visitou o teatro Castro Alves, em Salvador.
      O teatro Castro Alves foi visitado por meu primo, em Salvador.
   c. A tempestade destruiu o canteiro de margaridas.
      O canteiro de margaridas foi destruído pela tempestade.
   d. André trocou as lâmpadas azuis.
      As lâmpadas azuis foram trocadas por André.

3. Copie apenas os objetos diretos e os agentes da passiva, identificando-os com as siglas **OD** e **AP**:
   a. Dona Anastácia fez todos os doces. OD
   b. Todos os doces foram feitos por Dona Anastácia. AP
   c. Os pais educam os filhos. OD
   d. Os filhos são educados pelos pais. AP
   e. O crítico musical comentou a ópera de Bizet. OD
   f. A ópera de Bizet foi comentada pelo crítico musical. AP
   g. O prefeito doou agasalhos e remédios. OD
   h. Agasalhos e remédios foram doados pelo prefeito. AP

Gil Vicente - Livros completos
"Auto da barca do Inferno"

Auto de moralidade composto por Gil Vicente por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Lianor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei Manuel, primeiro de Portugal deste nome.
Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se fegura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos supitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão, *scilicet*, um deles passa pera o paraíso e o outro pera o inferno: os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um arrais infernal e um companheiro.





O primeiro intrelocutor é um Fidalgo que chega com um Paje, que lhe leva um rabo mui comprido e üa cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

DIABO À barca, à barca, houlá!
que temos gentil maré!
- Ora venha o carro a ré!
COMPANHEIRO Feito, feito!
Bem está!
Vai tu muitieramá,
e atesa aquele palanco
e despeja aquele banco,
pera a gente que virá.

À barca, à barca, hu-u!
Asinha, que se quer ir!
Oh, que tempo de partir,
louvores a Berzebu!
- Ora, sus! que fazes tu?
Despeja todo esse leito!
COMPANHEIRO Em boa hora! Feito, feito!
DIABO Abaixa aramá esse cu!

Faze aquela poja lesta
e alija aquela driça.
COMPANHEIRO Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!
DIABO Oh, que caravela esta!
Põe bandeiras, que é festa.
Verga alta! Âncora a pique!
- Ó poderoso dom Anrique,
cá vindes vós?... Que cousa é esta?...

Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?
DIABO Vai pera a ilha perdida,
e há-de partir logo ess'ora.

FIDALGO Pera lá vai a senhora?
DIABO Senhor, a vosso serviço.
FIDALGO Parece-me isso cortiço...
DIABO Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO Porém, a que terra passais?
DIABO Pera o inferno, senhor.
FIDALGO Terra é bem sem-sabor.
DIABO Quê?... E também cá zombais?
FIDALGO E passageiros achais
pera tal habitação?
DIABO Vejo-vos eu em feição
pera ir ao nosso cais...

FIDALGO Parece-te a ti assi!...
DIABO Em que esperas ter guarida?
FIDALGO Que leixo na outra vida
quem reze sempre por mi.
DIABO Quem reze sempre por ti?!..
Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...
E tu viveste a teu prazer,
cuidando cá guarecer
por que rezam lá por ti?!...

Embarca - ou embarcai...
que haveis de ir à derradeira!
Mandai meter a cadeira,
que assi passou vosso pai.
FIDALGO Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?!
DIABO Vai ou vem! Embarcai prestes!
Segundo lá escolhestes,
assi cá vos contentai.

Pois que já a morte passastes,
haveis de passar o rio.
FIDALGO Não há aqui outro navio?
DIABO Não, senhor, que este fretastes,
e primeiro que expirastes
me destes logo sinal.
FIDALGO Que sinal foi esse tal?
DIABO Do que vós vos contentastes.

FIDALGO A estoutra barca me vou.
Hou da barca! Para onde is?
Ah, barqueiros! Não me ouvis?
Respondei-me! Houlá! Hou!...
(Pardeus, aviado estou!
Cant'a isto é já pior...)
Oue jericocins, salvanor!
Cuidam cá que são eu grou?

ANJO Que quereis?
FIDALGO Que me digais,
pois parti tão sem aviso,
se a barca do Paraíso
é esta em que navegais.
ANJO Esta é; que demandais?
FIDALGO Que me leixeis embarcar.
Sou fidalgo de solar,
é bem que me recolhais.

ANJO Não se embarca tirania
neste batel divinal.
FIDALGO Não sei porque haveis por mal
que entre a minha senhoria...
ANJO Pera vossa fantesia
mui estreita é esta barca.

FIDALGO Pera senhor de tal marca
nom há aqui mais cortesia?

Venha a prancha e atavio!
Levai-me desta ribeira!
ANJO Não vindes vós de maneira
pera entrar neste navio.
Essoutro vai mais vazio:
a cadeira entrará
e o rabo caberá
e todo vosso senhorio.

Ireis lá mais espaçoso,
vós e vossa senhoria,
cuidando na tirania
do pobre povo queixoso.
E porque, de generoso,
desprezastes os pequenos,
achar-vos-eis tanto menos
quanto mais fostes fumoso.





DIABO À barca, à barca, senhores!
Oh! que maré tão de prata!
Um ventozinho que mata
e valentes remadores!

Diz, cantando:

Vós me veniredes a la mano,
a la mano me veniredes.

FIDALGO Ao Inferno, todavia!
Inferno há i pera mi?
Oh triste! Enquanto vivi
não cuidei que o i havia:
Tive que era fantesia!
Folgava ser adorado,
confiei em meu estado
e não vi que me perdia.

Venha essa prancha! Veremos
esta barca de tristura.
DIABO Embarque vossa doçura,

que cá nos entenderemos...
Tomarês um par de remos,
veremos como remais,
e, chegando ao nosso cais,
todos bem vos serviremos.

FIDALGO Esperar-me-ês vós aqui,
tornarei à outra vida
ver minha dama querida
que se quer matar por mi.
Dia, Que se quer matar por ti?!...
FIDALGO Isto bem certo o sei eu.
DIABO Ó namorado sandeu,
o maior que nunca vi!...

FIDALGO Como pod'rá isso ser,
que m'escrevia mil dias?
DIABO Quantas mentiras que lias,
e tu... morto de prazer!...
FIDALGO Pera que é escarnecer,
quem nom havia mais no bem?
DIABO Assi vivas tu, amém,
como te tinha querer!

FIDALGO Isto quanto ao que eu
conheço...
DIABO Pois estando tu expirando,
se estava ela requebrando
com outro de menos preço.
FIDALGO Dá-me licença, te peço,
que vá ver minha mulher.
DIABO E ela, por não te ver,
despenhar-se-á dum cabeço!

Quanto ela hoje rezou,
antre seus gritos e gritas,
foi dar graças infinitas
a quem a desassombrou.
FIDALGO Cant'a ela, bem chorou!
DIABO Nom há i choro de alegria?..
FIDALGO E as lástimas que dezia?
DIABO Sua mãe lhas ensinou...

Entrai, meu senhor, entrai:
Ei la prancha! Ponde o pé...
FIDALGO Entremos, pois que assi é.
DIABO Ora, senhor, descansai,
passeai e suspirai.
Em tanto virá mais gente.
FIDALGO Ó barca, como és ardente!
Maldito quem em ti vai!

Diz o Diabo ao Moço da cadeira:

DIABO Nom entras cá! Vai-te d'i!
A cadeira é cá sobeja;
cousa que esteve na igreja
nom se há-de embarcar aqui.
Cá lha darão de marfi,
marchetada de dolores,
com tais modos de lavores,
que estará fora de si...

À barca, à barca, boa gente,
que queremos dar à vela!
Chegar ela! Chegar ela!
Muitos e de boamente!
Oh! que barca tão valente!

Vem um Onzeneiro, e pergunta ao Arrais do Inferno, dizendo:



Onzeneiro = ajiota

ONZENEIRO Pera onde caminhais?
DIABO Oh! que má-hora venhais,
onzeneiro, meu parente!

Como tardastes vós tanto?
ONZENEIRO Mais quisera eu lá tardar...
Na safra do apanhar
me deu Saturno quebranto.
DIABO Ora mui muito m'espanto
nom vos livrar o dinheiro!...
ONZENEIRO Solamente para o barqueiro
nom me leixaram nem tanto...

DIABO Ora entrai, entrai aqui!
ONZENEIRO Não hei eu i d'embarcar!
DIABO Oh! que gentil recear,
e que cousas pera mi!...
ONZENEIRO Ainda agora faleci,
leixa-me buscar batel!
DIABO Pesar de Jam Pimentel!
Porque não irás aqui?...

ONZENEIRO E pera onde é a viagem?
DIABO Pera onde tu hás-de ir.
ONZENEIRO Havemos logo de partir?
DIABO Não cures de mais linguagem.
ONZENEIRO Mas pera onde é a
passagem?
DIABO Pera a infernal comarca.
ONZENEIRO Dix! Nom vou eu tal barca.
Estoutra tem avantagem.

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

Hou da barca! Houlá! Hou!
Haveis logo de partir?
ANJO E onde queres tu ir?
ONZENEIRO Eu pera o Paraíso vou.
ANJO Pois cant'eu mui fora estou
de te levar para lá.
Essoutra te levará;
vai pera quem te enganou!

ONZENEIRO Porquê?
ANJO Porque esse bolsão
tomará todo o navio.
ONZENEIRO Juro a Deus que vai vazio!
ANJO Não já no teu coração.
ONZENEIRO Lá me fica, de rondão,
minha fazenda e alhea.
ANJO Ó onzena, como és fea
e filha de maldição!

Torna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz:

ONZENEIRO Houlá! Hou! Demo
barqueiro!
Sabês vós no que me fundo?
Quero lá tornar ao mundo
e trazer o meu dinheiro.
que aqueloutro marinheiro,
porque me vê vir sem nada,
dá-me tanta borregada
como arrais lá do Barreiro.

DIABO Entra, entra, e remarás!
Nom percamos mais maré!
ONZENEIRO Todavia...
DIABO Per força é!
Que te pês, cá entrarás!
Irás servir Satanás,
pois que sempre te ajudou.
ONZENEIRO Oh! Triste, quem me cegou?
DIABO Cal'te, que cá chorarás.

Entrando o Onzeneiro no batel, onde achou o Fidalgo embarcado, diz tirando o barrete:

ONZENEIRO Santa Joana de Valdês!
Cá é vossa senhoria?
FIDALGO Dá ó demo a cortesia!
DIABO Ouvis? Falai vós cortês!
Vós, fidalgo, cuidareis
que estais na vossa pousada?
Dar-vos-ei tanta pancada
com um remo que renegueis!

Vem Joane, o Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:

PARVO Hou daquesta!
DIABO Quem é?
PARVO Eu soo.
É esta a naviarra nossa?
DIABO De quem?
PARVO Dos tolos.
DIABO Vossa.
Entra!
PARVO De pulo ou de voo?
Hou! Pesar de meu avô!
Soma, vim adoecer
e fui má-hora morrer,
e nela, pera mi só.
DIABO De que morreste?
PARVO De quê?
Samicas de caganeira.
DIABO De quê?
PARVO De caga merdeira!
Má rabugem que te dê!
DIABO Entra! Põe aqui o pé!
PARVO Houlá! Nom tombe o zambuco!
DIABO Entra, tolaço eunuco,
que se nos vai a maré!

PARVO Aguardai, aguardai, houlá!
E onde havemos nós d'ir ter?
DIABO Ao porto de Lucifer.
PARVO Ha-á-a...
DIABO Ó Inferno! Entra cá!
PARVO Ò Inferno?... Eramá...
Hiu! Hiu! Barca do cornudo.
Pêro Vinagre, beiçudo,
rachador d'Alverca, huhá!
Sapateiro da Candosa!
Antrecosto de carrapato!
Hiu! Hiu! Caga no sapato,
filho da grande aleivosa!
Tua mulher é tinhosa
e há-de parir um sapo
chantado no guardanapo!
Neto de cagarrinhosa!

Fulta cebolas! Hiu! Hiu!
Excomungado nas erguejas!
Burrela, cornudo sejas!
Toma o pão que te caiu!
A mulher que te fugiu
per'a Ilha da Madeira!
Cornudo atá mangueira,
toma o pão que te caiu!

Hiu! Hiu! Lanço-te üa pulha!
Dê-dê! Pica nàquela!
Hump! Hump! Caga na vela!
Hio, cabeça de grulha!
Perna de cigarra velha,
caganita de coelha,
pelourinho da Pampulha!
Mija n'agulha, mija n'agulha!

Chega o Parvo ao batel do Anjo e diz:

PARVO Hou da barca!
ANJO Que me queres?
PARVO Queres-me passar além?
ANJO Quem és tu?
PARVO Samica alguém.
ANJO Tu passarás, se quiseres;
porque em todos teus fazeres
per malícia nom erraste.
Tua simpreza t'abaste
pera gozar dos prazeres.

Espera entanto per i:
veremos se vem alguém,
merecedor de tal bem,
que deva de entrar aqui.

Vem um Sapateiro com seu avental e

carregado de formas, e chega ao batel infernal, e diz:

SAPATEIRO Hou da barca!
DIABO Quem vem i?
Santo sapateiro honrado,
como vens tão carregado?...
SAPATEIRO Mandaram-me vir assi...

E pera onde é a viagem?
DIABO Pera o lago dos danados.
SAPATEIRO Os que morrem confessados
onde têm sua passagem?
DIABO Nom cures de mais linguagem!
Esta é a tua barca, esta!
SAPATEIRO Renegaria eu da festa
e da puta da barcagem!

Como poderá isso ser,
confessado e comungado?!...
DIABO Tu morreste excomungado:
Nom o quiseste dizer.
Esperavas de viver,
calaste dous mil enganos...
Tu roubaste bem trint'anos
o povo com teu mester.

Embarca, eramá pera ti,
que há já muito que t'espero!
SAPATEIRO Pois digo-te que nom quero!
DIABO Que te pês, hás-de ir, si, si!
SAPATEIRO Quantas missas eu ouvi,
nom me hão elas de prestar?
DIABO Ouvir missa, então roubar,
é caminho per'aqui.

SAPATEIRO E as ofertas que darão?
E as horas dos finados?
DIABO E os dinheiros mal levados,
que foi da satisfação?
SAPATEIRO Ah! Nom praza ò cordovão,
nem à puta da badana,
se é esta boa traquitana
em que se vê Jan Antão!

Ora juro a Deus que é graça!

Vai-se à barca do Anjo, e diz:

Hou da santa caravela,
poderês levar-me nela?
ANJO A cárrega t'embaraça.
SAPATEIRO Nom há mercê que me Deus faça?
Isto uxiquer irá.
ANJO Essa barca que lá está
Leva quem rouba de praça.

Oh! almas embaraçadas!
SAPATEIRO Ora eu me maravilho
haverdes por grão peguilho
quatro forminhas cagadas
que podem bem ir i chantadas
num cantinho desse leito!
ANJO Se tu viveras dereito,
Elas foram cá escusadas.

SAPATEIRO Assi que determinais
que vá cozer ò Inferno?
ANJO Escrito estás no caderno
das ementas infernais.

Torna-se à barca dos danados, e diz:

SAPATEIRO Hou barqueiros! Que aguardais?
Vamos, venha a prancha logo
e levai-me àquele fogo!
Não nos detenhamos mais!

Vem um Frade com üa Moça pela mão, e um broquel e üa espada na outra, e um casco debaixo do capelo; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou de dançar, dizendo:

FRADE Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;
ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã:
tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!
DIABO Que é isso, padre?! Que vai lá?
FRADE *Deo gratias*! Som cortesão.
DIABO Sabês também o tordião?
FRADE Porque não? Como ora sei!
DIABO Pois entrai! Eu tangerei
e faremos um serão.

Essa dama é ela vossa?
FRADE Por minha la tenho eu,
e sempre a tive de meu,
DIABO Fezestes bem, que é fermosa!
E não vos punham lá grosa
no vosso convento santo?
FRADE E eles fazem outro tanto!
DIABO Que cousa tão preciosa...

Entrai, padre reverendo!
FRADE Para onde levais gente?
DIABO Pera aquele fogo ardente
que nom temestes vivendo.
FRADE Juro a Deus que nom t'entendo!
E este hábito no me val?
DIABO Gentil padre mundanal,
a Berzebu vos encomendo!

FRADE Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesu Cristo,
que eu nom posso entender isto!
Eu hei-de ser condenado?!...
Um padre tão namorado
e tanto dado à virtude?
Assi Deus me dê saúde,
que eu estou maravilhado!

DIABO Não curês de mais detença.
Embarcai e partiremos:
tomareis um par de ramos.
FRADE Nom ficou isso n'avença.
DIABO Pois dada está já a sentença!
FRADE Pardeus! Essa seria ela!
Não vai em tal caravela
minha senhora Florença.

Como? Por ser namorado
e folgar com üa mulher
se há um frade de perder,
com tanto salmo rezado?!...
DIABO Ora estás bem aviado!
FRADE Mais estás bem corregido!
DIABO Dovoto padre marido,
haveis de ser cá pingado...

Descobriu o Frade a cabeça, tirando o capelo; e apareceu o casco, e diz o Frade:

FRADE Mantenha Deus esta c'oroa!
DIABO ó padre Frei Capacete!
Cuidei que tínheis barrete...
FRADE Sabê que fui da pessoa!
Esta espada é roloa
e este broquel, rolão.
DIABO Dê Vossa Reverença lição
d'esgrima, que é cousa boa!

Começou o frade a dar lição d'esgrima com a espada e broquel, que eram d'esgrimir, e diz desta maneira:

FRADE *Deo gratias*! Demos caçada!
Pera sempre contra sus!
Um fendente! Ora sus!
Esta é a primeira levada.
Alto! Levantai a espada!
Talho largo, e um revés!
E logo colher os pés,
que todo o al no é nada!

Quando o recolher se tarda
o ferir nom é prudente.
Ora, sus! Mui largamente,
cortai na segunda guarda!

- Guarde-me Deus d'espingarda
mais de homem denodado.
Aqui estou tão bem guardado
como a palhá n'albarda.

Saio com meia espada...
Hou lá! Guardai as queixadas!
DIABO Oh que valentes levadas!
FRADE Ainda isto nom é nada...
Demos outra vez caçada!
Contra sus e um fendente,
e, cortando largamente,
eis aqui sexta feitada.

Daqui saio com üa guia
e um revés da primeira:
esta é a quinta verdadeira.
- Oh! quantos daqui feria!...
Padre que tal aprendia
no Inferno há-de haver pingos?!...
Ah! Nom praza a São Domingos
com tanta descortesia!

Tornou a tomar a Moça pela mão, dizendo:

FRADE Vamos à barca da Glória!

Começou o Frade a fazer o tordião e foram dançando até o batel do Anjo desta maneira:

FRADE Ta-ra-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;
rai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã.
Huhá!

Deo gratias! Há lugar cá
pera minha reverença?
E a senhora Florença
polo meu entrará lá!
PARVO Andar, muitieramá!
Furtaste esse trinchão, frade?
FRADE Senhora, dá-me à vontade
que este feito mal está.

Vamos onde havemos d'ir!
Não praza a Deus coa a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira
senão, enfim, concrudir.
DIABO Haveis, padre, de viir.
FRADE Agasalhai-me lá Florença,
e compra-se esta sentença:
ordenemos de partir.

Tanto que o Frade foi embarcado, veio üa Alcoviteira, per nome Brízida Vaz, a qual chegando à barca infernal, diz desta maneira:

BRÍZIDA Hou lá da barca, hou lá!
DIABO Quem chama?
BRÍZIDA Brízida Vaz.
DIABO E aguarda-me, rapaz?
Como nom vem ela já?
COMPANHEIRO Diz que nom há-de vir cá
sem Joana de Valdês.
DIABO Entrai vós, e remarês.
BRÍZIDA Nom quero eu entrar lá.

DIABO Que sabroso arrecear!
BRÍZIDA No é essa barca que eu cato.
DIABO E trazês vós muito fato?
BRÍZIDA O que me convém levar.
Día. Que é o que havês d'embarcar?
BRÍZIDA Seiscentos virgos postiços
e três arcas de feitiços
que nom podem mais levar.

Três almários de mentir,
e cinco cofres de enlheos,
e alguns furtos alheos,
assi em jóias de vestir,
guarda-roupa d'encobrir,
enfim - casa movediça;
um estrado de cortiça
com dous coxins d'encobrir.

A mor cárrega que é:
essas moças que vendia.
Daquestra mercadoria
trago eu muita, à bofé!
DIABO Ora ponde aqui o pé...
BRÍZIDA Hui! E eu vou pera o Paraíso!
DIABO E quem te dixe a ti isso?
BRÍZIDA Lá hei-de ir desta maré.

Eu sô üa mártela tal!...
Açoutes tenho levados
e tormentos suportados
que ninguém me foi igual.
Se fosse o fogo infernal,
lá iria todo o mundo!
A estoutra barca, cá fundo,
me vou, que é mais real.

Chegando à Barca da Glória diz ao Anjo:

Barqueiro mano, meus olhos,
prancha a Brísida Vaz.
ANJO: Eu não sei quem te cá traz...
BRÍZIDA Peço-vo-lo de giolhos!
Cuidais que trago piolhos,
anjo de Deos, minha rosa?
Eu sô aquela preciosa
que dava as moças a molhos,

a que criava as meninas
pera os cónegos da Sé...
Passai-me, por vossa fé,
meu amor, minhas boninas,
olho de perlinhas finas!
E eu som apostolada,
angelada e martelada,
e fiz cousas mui divinas.

Santa Úrsula nom converteu
tantas cachopas como eu:
todas salvas polo meu
que nenhüa se perdeu.
E prouve Àquele do Céu
que todas acharam dono.
Cuidais que dormia eu sono?
Nem ponto se me perdeu!

ANJO Ora vai lá embarcar,
não estês importunando.
BRÍZIDA Pois estou-vos eu contando
o porque me haveis de levar.
ANJO Não cures de importunar,
que não podes vir aqui.
BRÍZIDA E que má-hora eu servi,
pois não me há-de aproveitar!...

Torna-se Brízida Vaz à Barca do Inferno, dizendo:

BRÍZIDA Hou barqueiros da má-hora,
que é da prancha, que eis me vou?
E já há muito que aqui estou,
e pareço mal cá de fora.
DIABO Ora entrai, minha senhora,
e sereis bem recebida;
se vivestes santa vida,
vós o sentirês agora...

Tanto que Brízida Vaz se embarcou, veo um Judeu, com um bode às costas; e, chegando ao batel dos danados, diz:

JUDEU Que vai cá? Hou marinheiro!
DIABO Oh! que má-hora vieste!...
JUDEU Cuj'é esta barca que preste?
DIABO Esta barca é do barqueiro.
JUDEU. Passai-me por meu dinheiro.
DIABO E o bode há cá de vir?
JUDEU Pois também o bode há-de vir.
DIABO Que escusado passageiro!

JUDEU Sem bode, como irei lá?
DIABO Nem eu nom passo cabrões.
JUDEU Eis aqui quatro tostões
e mais se vos pagará.
Por vida do Semifará
que me passeis o cabrão!
Querês mais outro tostão?
DIABO Nem tu nom hás-de vir cá.

JUDEU Porque nom irá o judeu
onde vai Brísida Vaz?
Ao senhor meirinho apraz?
Senhor meirinho, irei eu?
DIABO E o fidalgo, quem lhe deu...
JUDEU O mando, dizês, do batel?
Corregedor, coronel,
castigai este sandeu!

Azará, pedra miúda,
lodo, chanto, fogo, lenha,
caganeira que te venha!
Má corrença que te acuda!
Par el Deu, que te sacuda
coa beca nos focinhos!
Fazes burla dos meirinhos?
Dize, filho da cornuda!



Parvo = tolo, besta, etc.

PARVO Furtaste a chiba cabrão?
Parecês-me vós a mim
gafanhoto d'Almeirim
chacinado em um seirão.
DIABO Judeu, lá te passarão,
porque vão mais despejados.
PARVO E ele mijou nos finados
n'ergueja de São Gião!

E comia a carne da panela
no dia de Nosso Senhor!
E aperta o salvador,
e mija na caravela!
DIABO Sus, sus! Demos à vela!
Vós, Judeu, irês à toa,
que sois mui ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela!

Vem um Corregedor, carregado de feitos, e, chegando à barca do Inferno, com sua vara na mão, diz:

CORREGEDOR Hou da barca!
DIABO Que quereis?
CORREGEDOR Está aqui o senhor juiz?
DIABO Oh amador de perdiz.
gentil cárrega trazeis!
CORREGEDOR No meu ar conhecereis
que nom é ela do meu jeito.
DIABO Como vai lá o direito?
CORREGEDOR Nestes feitos o vereis.

DIABO Ora, pois, entrai. Veremos
que diz i nesse papel...
CORREGEDOR E onde vai o batel?
DIABO No Inferno vos poeremos.
CORREGEDOR Como? À terra dos demos
há-de ir um corregedor?
DIABO Santo descorregedor,
embarcai, e remaremos!

Ora, entrai, pois que viestes!
CORREGEDOR *Non est de regulae juris*, não!
DIABO *Ita, Ita*! Dai cá a mão!
Remaremos um remo destes.
Fazei conta que nacestes
pera nosso companheiro.

- Que fazes tu, barzoneiro?
Faze-lhe essa prancha prestes!

CORREGEDOR Oh! Renego da viagem
e de quem me há-de levar!
Há 'qui meirinho do mar?
DIABO Não há tal costumagem.
CORREGEDOR Nom entendo esta
barcagem,
nem *hoc nom potest esse*.
DIABO Se ora vos parecesse
que nom sei mais que linguagem...

Entrai, entrai, corregedor!
CORREGEDOR Hou! *Videtis qui petatis - Super jure magestatis*
tem vosso mando vigor?
DIABO Quando éreis ouvidor
nonne accepistis rapina?
Pois ireis pela bolina
onde nossa mercê for...

Oh! que isca esse papel
pera um fogo que eu sei!
CORREGEDOR *Domine, memento mei*!
DIABO *Non es tempus*, bacharel!
Imbarquemini in batel
quia Judicastis malitia.
CORREGEDOR *Sempre ego justitia fecit*, e bem por nivel.

DIABO E as peitas dos judeus
que a vossa mulher levava?
CORREGEDOR Isso eu não o tomava
eram lá percalços seus.
Nom som *pecatus meus,*
peccavit uxore mea.
DIABO *Et vobis quoque cum ea,*
não *temuistis Deus.*

A largo modo adquiristis
sanguinis laboratorum
ignorantis peccatorum.
Ut quid eos non audistis?
CORREGEDOR Vós, arrais, *nonne legistis*
que o dar quebra os pinedos?
Os direitos estão quedos,
sed aliquid tradidistis...

DIABO Ora entrai, nos negros fados!
Ireis ao lago dos cães
e vereis os escrivães
como estão tão prosperados.
CORREGEDOR E na terra dos danados
estão os Evangelistas?
DIABO Os mestres das burlas vistas
lá estão bem fraguados.

Estando o Corregedor nesta prática com o Arrais infernal chegou um Procurador, carregado de livros, e diz o Corregedor ao Procurador:

CORREGEDOR Ó senhor Procurador!
PROCURADOR Bejo-vo-las mãos, Juiz!
Que diz esse arrais? Que diz?
DIABO Que serês bom remador.
Entrai, bacharel doutor,
e ireis dando na bomba.
PROCURADOR E este barqueiro zomba...
Jogatais de zombador?

Essa gente que aí está
pera onde a levais?
DIABO Pera as penas infernais.
PROCURADOR Dix! Nom vou eu pera lá!
Outro navio está cá,
muito milhor assombrado.
DIABO Ora estás bem aviado!
Entra, muitieramá!

CORREGEDOR Confessaste-vos, doutor?
PROCURADOR Bacharel som. Dou-me à Demo!
Não cuidei que era extremo,

nem de morte minha dor.
E vós, senhor Corregedor?
CORREGEDOR Eu mui bem me confessei,
mas tudo quanto roubei
encobri ao confessor...

Porque, se o nom tornais,
não vos querem absolver,
e é mui mau de volver
depois que o apanhais.
DIABO Pois porque nom embarcais?
PROCURADOR *Quia speramus in Deo.*
DIABO *Imbarquemini in barco meo...*
Pera que *esperatis* mais?

Vão-se ambos ao batel da Glória, e, chegando, diz o Corregedor ao Anjo:

CORREGEDOR Ó arrais dos gloriosos,
passai-nos neste batel!
ANJO Oh! pragas pera papel,
pera as almas odiosos!
Como vindes preciosos,
sendo filhos da ciência!
CORREGEDOR Oh! *habeatis* clemência
e passai-nos como vossos!
PARVO Hou, homens dos breviairos,
rapinastis coelhorum
et pernis perdigotorum
e mijais nos campanairos!
CORREGEDOR Oh! não nos sejais
contrairos,
pois nom temos outra ponte!
PARVO *Belequinis ubi sunt?*
Ego latinus macairos.
ANJO A justiça divinal
vos manda vir carregados
porque vades embarcados
nesse batel infernal.
CORREGEDOR Oh! nom praza a São
Marçal!
coa ribeira, nem co rio!
Cuidam lá que é desvario
haver cá tamanho mal!

PROCURADOR Que ribeira é esta tal!
PARVO Parecês-me vós a mi
como cagado nebri,
mandado no Sardoal.
Embarquetis in zambuquis!

CORREGEDOR Venha a negra prancha
cá!
Vamos ver este segredo.
PROCURADOR Diz um texto do
Degredo...
DIABO Entrai, que cá se dirá!

E Tanto que foram dentro no batel dos condenados, disse o Corregedor a Brízida Vaz, porque a conhecia:

CORREGEDOR Oh! esteis muitieramá,
senhora Brízida Vaz!
BRÍZIDA Já siquer estou em paz,
que não me leixáveis lá.

Cada hora sentenciada:
«Justiça que manda fazer....»
CORREGEDOR E vós... tornar a tecer
e urdir outra meada.
BRÍZIDA Dizede, juiz d'alçada:
vem lá Pêro de Lixboa?
Levá-lo-emos à toa
e irá nesta barcada.

Vem um homem que morreu Enforcado, e, chegando ao batel dos mal-aventurados, disse o Arrais, tanto que chegou:

DIABO Venhais embora, enforcado!
Que diz lá Garcia Moniz?
ENFORCADO Eu te direi que ele diz:
que fui bem-aventurado
em morrer dependurado
como o tordo na buiz,
e diz que os feitos que eu fiz
me fazem canonizado.

DIABO Entra cá, governarás
atá as portas do Inferno.
ENFORCADO Nom é essa a nau que eu
governo.
DIABO Mando-te eu que aqui irás.
ENFORCADO Oh! nom praza a Barrabás!
Se Garcia Moniz diz
que os que morrem como eu fiz
são livres de Satanás...

E disse que a Deus prouvera
que fora ele o enforcado;
e que fosse Deus louvado
que em bo'hora eu cá nacera;
e que o Senhor m'escolhera;
e por bem vi beleguins.
E com isto mil latins,
mui lindos, feitos de cera.

E, no passo derradeiro,
me disse nos meus ouvidos
que o lugar dos escolhidos
era a forca e o Limoeiro;
nem guardião do moesteiro
nom tinha tão santa gente
como Afonso Valente
que é agora carcereiro.

DIABO Dava-te consolação
isso, ou algum esforço?
ENFORCADO Com o baraço no pescoço,
mui mal presta a pregação...
E ele leva a devação
que há-de tornar a jantar...
Mas quem há-de estar no ar
avorrece-lhe o sermão.

DIABO Entra, entra no batel,
que ao Inferno hás-de ir!
ENFORCADO O Moniz há-de mentir?
Disse-me que com São Miguel
jentaria pão e mel
tanto que fosse enforcado.
Ora, já passei meu fado,
e já feito é o burel.

Agora não sei que é isso:
não me falou em ribeira,
nem barqueiro, nem barqueira,
senão - logo ò Paraíso.
Isto muito em seu siso.
e era santo o meu baraço...
Eu não sei que aqui faço:
que é desta glória emproviso?

DIABO Falou-te no Purgatório?
ENFORCADO Disse que era o Limoeiro,
e ora por ele o salteiro
e o pregão vitatório;
e que era mui notório
que àqueles deciprinados
eram horas dos finados
e missas de São Gregório.

DIABO Quero-te desenganar:
se o que disse tomaras,
certo é que te salvaras.
Não o quiseste tomar...
- Alto! Todos a tirar,
que está em seco o batel!
- Saí vós, Frei Babriel!
Ajudai ali a botar!

Vêm Quatro Cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrecentamento de Sua santa fé católica morreram em poder dos mouros. Absoltos a culpa e pena per privilégio que os que assi morrem têm dos mistérios da Paixão d'Aquele por Quem padecem, outorgados por todos os Presi- dentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja. E a cantiga que assi cantavam, quanto a palavra dela, é a seguinte:

CAVALEIROS *À barca, à barca segura,*
barca bem guarnecida,
à barca, à barca da vida!

Senhores que trabalhais
pola vida transitória,
memória , por Deus, memória
deste temeroso cais!
À barca, à barca, mortais,
Barca bem guarnecida,
à barca, à barca da vida!

Vigiai-vos, pecadores,
que, depois da sepultura,
neste rio está a ventura
de prazeres ou dolores!
À barca, à barca, senhores,
barca mui nobrecida,
à barca, à barca da vida!

E passando per diante da proa do batel dos danados assi cantando, com suas espadas e escudos, disse o Arrais da perdição desta maneira:

DIABO Cavaleiros, vós passais
e nom perguntais onde is?
1º CAVALEIRO Vós, Satanás, presumis?

Atentai com quem falais!
2º CAVALEIRO Vós que nos demandais?
Siquer conhecê-nos bem:
morremos nas Partes d'Além,
e não queirais saber mais.
DIABO Entrai cá! Que cousa é essa?
Eu nom posso entender isto!
CAVALEIROS Quem morre por Jesu Cristo
não vai em tal barca como essa!



Tornaram a prosseguir, cantando, seu caminho direito à barca da Glória, e, tanto que chegam, diz o Anjo:

ANJO Ó cavaleiros de Deus,
a vós estou esperando,
que morrestes pelejando
por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo mal,
mártires da Santa Igreja,
que quem morre em tal peleja
merece paz eternal.

E assi embarcam.